A sedução do silêncio digital e o empobrecimento do brincar

*Lilian Murad Bruner**

O lançamento de novas produções culturais voltadas ao público infantil frequentemente atua como um espelho das angústias e dos desafios da nossa própria época. Recentemente, a ficção voltou a alertar as famílias e os educadores sobre um fenômeno contemporâneo alarmante: a substituição sutil, mas sistemática, dos brinquedos tradicionais e do afeto humano por dispositivos tecnológicos de última geração. Ao retratar telas e assistentes virtuais como os novos e sedutores antagonistas da infância, o cinema não está apenas criando narrativas de entretenimento, mas emitindo um manifesto urgente sobre a necessidade de salvaguardar o desenvolvimento cognitivo e emocional das nossas crianças diante da hiperconectividade precoce.

Há 36 anos acompanho diariamente a velocidade com que os estímulos digitais competem pela atenção dos alunos. O grande perigo dos dispositivos móveis não reside na tecnologia em si, que é uma ferramenta utilitária inegável, mas sim no chamado custo de oportunidade que ela impõe à primeira infância. Quando um tablet assume o papel de mediador universal do tédio de uma criança, o silêncio digital obtido no ambiente doméstico cobra um preço altíssimo do neurodesenvolvimento. A interface bidimensional e algorítmica, baseada em recompensas dopaminérgicas imediatas e estímulos hiperbólicos, atrofia a capacidade de autorregulação emocional e reduz drasticamente a tolerância à frustração, comprometendo funções executivas essenciais que o cérebro infantil deveria estruturar justamente nessa janela de crescimento.

A ficção acerta precisamente ao contrapor o dispositivo tecnológico ao brinquedo físico, pois é no plano do concreto que a mágica do aprendizado estruturante acontece. O brincar analógico — o tatear da madeira, o encaixe de blocos, o desenho livre no papel e a exploração do espaço físico — exige da criança uma postura ativa de planejamento, erro e correção de rota. No mundo real, a gravidade atua, a peça cai, o brinquedo desafia a paciência e a imaginação é convocada para preencher os vazios do silêncio. Quando a tela substitui essa lentidão construtiva por animações frenéticas e respostas prontas ao toque do dedo, ela rouba da infância a oportunidade de criar repertórios próprios, gerando uma passividade cognitiva que se reflete, mais tarde, em dificuldades severas de foco, atenção sustentada e letramento.

Mais do que o prejuízo pedagógico da falta do brincar físico, enfrentamos uma crise de substituição do afeto e das interações sociais não mediadas. O dispositivo eletrônico frequentemente se transforma em uma barreira invisível entre pais e filhos, silenciando o diálogo à mesa, a contação de histórias e o ócio criativo compartilhado. A mediação familiar na era da hiperconexão exige coragem para estabelecer uma dieta digital rigorosa e saudável, que compreenda que o afeto e a presença humana são insubstituíveis na formação do vínculo e da segurança emocional da criança. Não se trata de demonizar as inovações contemporâneas ou adotar uma postura tecnofóbica, mas de exercer uma governança parental consciente, garantindo que o tempo de conectividade nunca sabote as horas de sono de qualidade, o

movimento do corpo e o convívio social concreto.

As escolas de vanguarda e as famílias precisam caminhar em absoluta sinergia para devolver às crianças o direito a uma infância real, tátil e baseada na experiência humana. O espaço escolar deve consolidar-se como esse ecossistema de salvaguarda, onde o erro é permitido, a socialização é estimulada pelo contato olho no olho e o aprendizado se dá por meio da manipulação da matéria e da convivência com a diversidade do outro. Ao olharmos para os alertas que a ficção nos apresenta nas telas dos cinemas, que sejamos capazes também de desligar as telas de nossas casas e reconectar nossos filhos ao mundo concreto, lembrando que a criatividade, a resiliência e a imaginação infantis florescem não no brilho dos pixels, mas no calor das relações reais e no chão texturizado da vida comum.

**Lilian Murad Bruner é mestre em educação e diretora institucional de Educação Infantil do Colégio Visconde de Porto Seguro, em São Paulo*